

Contabilizado os Rastros do Patrão:

Delmiro Gouveia na Perspectiva Biográfica de Adolpho Santos (1890-1947)

Karla Karine de Jesus Silva¹

karla@getempo.org

Orientador: Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard

dilton@getempo.org

Resumo:

Esta pesquisa analisa as possibilidades que a biografia oferece enquanto instrumento de produção do conhecimento histórico e compreensão de uma sociedade. Para isso, toma-se como objeto a biografia *Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico)*, escrita pelo contador Adolpho Santos, publicada em 1947, sobre seu *patrão*, o negociante cearense Delmiro Gouveia (1863-1917). Gouveia tornou-se um símbolo de modernização no Nordeste, construído principalmente a partir das memórias produzidas sobre ele. Devido a isso, o trabalho pretende analisar a produção deste biógrafo, ex-funcionário do industrial, também casado com sua sobrinha. O momento em que ela foi escrita, seus objetivos e até que ponto pode ser pensada como ferramenta para se estudar a vida de Delmiro Gouveia e seu contexto.

Palavras-chaves: História, Biografia, Delmiro Gouveia, Adolpho Santos.

Introdução

O objetivo deste trabalho é uma análise biográfica pensando-a como referência para a produção do conhecimento histórico e compreensão de uma sociedade, neste caso, a partir do memorialista de Delmiro Gouveia, Adolpho Santos. O recorte temporal abrange de 1890 a 1947, pois contempla desde o período em que sujeito (biógrafo) e objeto (biografado) conviveram até a publicação da obra. As fontes serão tratadas buscando informações sobre estes dois personagens e seus respectivos contextos.

Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, *o patrão*, foi uma figura intrigante. Nasceu em Ipu, Ceará, em 5 de junho de 1863. Mudou-se para Recife após a morte do pai na Guerra do Paraguai (1864-1870) e com apenas 14 anos ingressou no mercado de trabalho, logo após o

falecimento de sua mãe (1877). Exerceu as funções de tipógrafo, maquinista na Brazilian Street Railways Company, mascate e despachante de barcaças no Cais de Ramos (Recife/PE). Conforme o ramo de peles prosperava (bodes, carneiros etc.), fundou em 1886 a empresa Delmiro & Cia, tornando-se nesta época o único exportador de peles do Nordeste para os EUA.

Conhecido por investimentos inovadores e arriscados, Gouveia reformou e dirigiu o *Mercado do Derby* (1899-1900), um grande centro comercial e de lazer no Recife, o primeiro do setor com iluminação elétrica. Criou a usina hidrelétrica de *Angiquinho* (1913), em Paulo Afonso/BA, pioneira no Brasil, e fundou a primeira fábrica de linhas de coser, a *Fábrica da Pedra* (1914), na cidade de Pedra em pleno sertão alagoano, atualmente Delmiro Gouveia. O “rei das peles”, “coronel dos coronéis”, “modernizador do sertão” (ROCHA, 1970), como o rotularam seus biógrafos, foi comerciante, industrial, latifundiário, coronel e “rei do reino” da Pedra. Morreu assassinado em 17 de outubro de 1917 em seu chalé, próximo a sua fábrica. Especula-se que tenha sido vítima de coronéis da região ou que sua morte tenha sido encomendada pelo Machine Cottons, grupo inglês concorrente da fábrica de Delmiro (<http://www.revista.dehistoria.com.br/secao/retrato/o-coronel-dos-coroneis>).

Diante de suas realizações, *o patrão* foi tomado como modelo de desenvolvimento pelo discurso regional, e resposta a ideia prevalecente na época de Nordeste atrasado economicamente e socialmente. Um refúgio de desordeiros. A partir disso, inúmeras produções textuais como, biografias, palestras, celebrações, romances, artigos de jornais e revistas, peças de teatro, produções cinematográficas, história em quadrinhos, só para se mencionar algumas, foram produzidas glorificando o “bandeirante moderno” e seus feitos.

As biografias, especificamente, têm um aspecto em comum que vai além da narrativa da história de vida deste personagem. Elas são ufanistas. A vida de Delmiro manipulada pela palavra escrita dos seus memorialistas, *Itinerário de Delmiro Gouveia*, de Olympio Menezes (1963); *Delmiro Gouveia: o pioneiro de Paulo Afonso*, de Tadeu Rocha (1963, reeditado em 1970); *Vida de Delmiro Gouveia*, de J. Machado de Sousa (1964); *A glória de um pioneiro – a vida de Delmiro Gouveia*, de J.C. Araripe Jr (1965); *Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão alagoano*, de Félix Lima Júnior (1963, reeditado em 1983); dentre outros, têm propósito laudatório.

Contadas em ordem cronológica, seguem o modelo clássico biográfico, muitas vezes criticado pelos estudiosos, supervalorizando as conquistas e minimizando ou omitindo as falhas (BORGES, 2008:207). A biografia do *patrão* escrita pelo *contador*, no entanto, traz particularidades suscetíveis de análises específicas, portanto, objeto deste trabalho. E quais seriam estas particularidades? Inicialmente, algumas destas podem ser percebidas na relação que existia entre Gouveia e Santos, no estilo em que a narrativa é construída e no próprio conteúdo. Além disso, narrar à história de vida de Delmiro tem para Adolpho um motivo especial.

Adolpho Santos teve uma relação achegada com Delmiro. O conheceu em Apipucos, Recife, quando era um estudante “pobre” e Gouveia já havia se tornado o “rei das peles”. Chegou a morar com o casal Gouveia, e foi na Vila Anunciada – nome dado à mansão em homenagem a esposa do industrial – que Santos conheceu sua futura esposa, Laura, por volta de 1897, sobrinha de Delmiro, filha de sua irmã Maria Augusta (SANTOS, 1947:14,15). Em 1908, quando Gouveia já estava bem estabelecido na vila da Pedra/AL, para onde havia fugido anos antes de inimigos políticos em Recife, Santos e sua família se mudaram para lá, onde trabalhou como contador da empresa Iona & Cia, pertencente à Delmiro e a Lionelo Iona, e mais tarde gerente da Companhia Agro-fabril Mercantil, a Fábrica da Pedra (SANTOS, 1947:27, 28).

Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico) foi escrito por Santos em 1947 e fornecido ao Arquivo Público Estadual Jordão Emericiano pelo seu neto, Gilberto Fernandes da Cunha, em carta de 23 de junho de 1993. Este documento encontra-se atualmente disponível na Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas, também em Recife. Composta de quarenta e três páginas, sua narrativa compreende desde o nascimento do industrial até o período que o autor passou na vila da Pedra (1908 a 1927). Trata-se de um relato curto, mas que abrange aspectos importantes da vida do biografado. A narrativa é cronológica e linear, concentrando-se principalmente no Delmiro empresário, negociante, industrial. Em muitos aspectos, não foge ao costume dos outros biógrafos ufanistas, chamando-o de “bravo caboclo nortista”, “herói de muitas vitórias”, “indomável Delmiro”, “bandeirante moderno” etc., (SANTOS 1947).

Seus escritos começam com um breve relato sobre os pais do “modernizador do sertão”, a ida de sua mãe para o Recife após a morte do pai, a morte da mesma, o casamento

de sua irmã, Maria Augusta, e a trajetória de trabalho do empresário ainda na adolescência. O autor atém-se aos fatos com maiores pormenores da vida do personagem a partir do seu casamento com Anunciada Cândida (SANTOS, 1947:18). O enfoque principal, entretanto, são suas realizações, do mercado do Derby ao povoado da Pedra.

A singularidade quanto ao conteúdo, é que o texto de Santos baseia-se em sua própria experiência. Sua narrativa também é autobiográfica, alternando entre fatos da vida de Gouveia e da sua própria. Há uma relação direta entre acontecimentos envolvendo biógrafo e biografado. Algumas páginas de seu depoimento, por exemplo, descreve como conheceu sua esposa Laura, sua chegada em Pedra, a forma com que Delmiro o recebeu, seu trabalho como contador e gerente da fábrica, e seu cotidiano. Quanto ao estilo, seu texto foi escrito em primeira pessoa do singular e/ou plural, alternando a linguagem conforme vai abordando os fatos. Quando fala de assuntos pessoais ou íntimos, é poético e lírico. Ao descrever os sentimentos de Anunciada Cândida quando seu casamento chegava ao fim, por exemplo, o autor diz:

O palacete do Derby ficou fechado, com todo o mobiliário e alfaias. Era como o ninho abandonado no jardim em flor.

Enquanto seu esposo gozava a delícia de uma paixão efêmera na região calcinada pelas lavas dos Vesúvio, - Anunciada amargurava-se por aquele que era o dono absoluto do seu amor incompreendido e eterno, que a ciliciava no abandono. Fizera-se prisioneira voluntária, trancada nas quatro paredes do seu aposento, caído de branco, muito asseado e claro (SANTOS, 1947:20).

A mesma linguagem pode ser observada quando fala com saudosismo de suas memórias:

Este depoimento biográfico é escrito no Recife, onde, depois de longos anos de ausência, vim matar saudades e avivar lembranças. Visitei também o Derby. Foi grande o meu justificado espanto! Percorri uma cidade moderna, nascida do nada que houvera ali. Assim é o bairro do Derby, pontilhado de residências elegantes entre o renque de árvores ornamentais, em derredor do parque soberbo, surgindo diante de mim como um reino de fadas.

[...]

Também fui a Apipucos rever a velha casa amiga que embalou as minhas primeiras ilusões. Ela está lá, na mesma postura, agora com ar mais triste, parecendo uma velha alquebrada pelos anos, decrépita, senil.

Ainda lá está o nome “Vila Anunciada”, escrito em letras de bronze singelas, sobre o arco de ferro que encima o portão de entrada, como se fora o título do sentido

romance cujos mais belos episódios foram vividos naquele cenário (SANTOS, 1947:15, 16).

Ao tratar de assuntos comerciais, como quando Gouveia foi nomeado gerente-geral de um curtume norte-americano para o qual já trabalhava como corretor, com filial em Pernambuco, Santos passa a falar de forma mais técnica, típica de sua área de contabilidade:

[...] Apresentadas as credenciais, Delmiro se propôs assumir imediatamente as funções e exigiu que se procedesse, com presteza, a um balanço-geral da firma pois queria saber com detalhes o que ia receber sob sua responsabilidade. Este serviço foi realizado levantando-se o devido inventário, o que quer dizer em linguagem contábil – o arrolamento minucioso de todas as utilidades e mercadorias; fechando-se todas as contas para a verificação de saldos; cumprindo-se enfim, todas as regras comuns de apuração técnica da situação financeira [...] (SANTOS, 1947:15).

Admirador dos feitos do “rei das peles” demonstrou claramente seu ressentimento quando da venda da fábrica de linhas por seus herdeiros, após a sua morte, chamando de “crime” e “dano inominável”, em entrevista aos jornais *O Norte* (Parnaíba/PI) e *O Radical* (Rio de Janeiro), a destruição das máquinas da Companhia Agro-Fabril pela Machine Cottons, sua posterior proprietária (SANTOS, 1947:39,40). Para ele, faltou aos filhos do negociante o pulso forte, a coragem e o tino empresarial do pai. Daí seu objetivo ao perfazer a trajetória de Gouveia mediante a palavra escrita. Imbuído de um senso de responsabilidade, uma necessidade “de contar as coisas com a exatidão que deve prevalecer”, como afirma o autor na obra, registra em palavras o que chama de “depoimento para um estudo biográfico”. Talvez ambicionasse ser uma fonte sobre a história do “rei das peles”, mas tornou-se uma biografia.

Justificativa

A escolha desta biografia justifica-se pelas diferenças existentes entre ela e as demais produções biográficas já mencionadas sobre Delmiro Gouveia. Os memorialistas citados escreveram suas obras sob encomenda da CHESF, em comemoração ao centenário de nascimento (1963) do personagem. Seus trabalhos abrangem as décadas de 1960 a 1970 e são bastante semelhantes. O objetivo central era a rememoração de Delmiro e seus feitos, apontando nas ações do “coronel dos coronéis” modelos do potencial desenvolvimentista do

Nordeste. Sua figura seria um contraponto ao rótulo de “região atrasada” e modelo de identidade regional.

Santos, no entanto, publicou o “primeiro” – até agora constatado – relato biográfico sobre o coronel ainda em 1947. Seu texto, embora contenha elementos que subsidiem os objetivos dos biógrafos posteriores, é principalmente tanto fruto de ressentimento pelo que ele considera um descaso e abandono da “obra” do “modernizador do sertão”, como uma forma de tornar conhecidos seus feitos, contar “a verdade” sobre Gouveia. E faz isso inserido-se na trama, registrando alguns fatos de sua vida, pois, a mesma entrelaça-se com a do objeto em muitos aspectos, visto que foi testemunha ocular da maior parte dos acontecimentos descritos, quando não participou diretamente deles.

Problema

A partir da justificativa, algumas questões ainda precisam ser resolvidas. De que forma a biografia serve a história? A biografia escrita por Adolpho Santos pode ser considerada um registro da história? Por que o contador decidiu biografar o patrão trinta anos após sua morte e mais de vinte anos após a destruição da fábrica? Poderia ter feito isso antes? Existem motivos para além dos revelados por ele? Até que ponto a biografia pode ser utilizada para se compreender um contexto, neste caso, a sociedade nordestina da época?

Referencial Teórico-Metodológico

Para esta investigação, tomamos como referencial teórico-metodológico conceitos e discussões sobre biografia, história social, história cultural, relações sociais e verdade. O *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (Antonio Houaiss, 2001), define biografia como: “1- Narração oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem. [...] 3- A história da vida de alguém”. Oriundo do grego “*bios* = vida e *graphein* = escrever, inscrever”. Conforme Vavy Pacheco Borges, contar a história de vida de uma pessoa teve início no mundo grego ao mesmo tempo em que surgiu a história. A diferença entre ambas é que a história narrava fatos coletivos e contava a verdade, já as histórias das vidas de alguém serviam para dar exemplos morais, positivos ou negativos (BORGES, 2008:205).

No mundo medieval, a biografia configurou-se na hagiografia e nas crônicas. Na Idade Moderna, século XVIII em especial, a concepção de biografia vai tomando novos rumos, preocupando-se com métodos de investigação e com a relação entre biógrafo e biografado. James Boswell revolucionou em 1791 a Inglaterra ao publicar *Vida de Samuel Johnson*, trabalho de vinte anos de pesquisa. Havia na época um ideal de contar a verdade a partir da documentação e de entrevistas (BORGES, 2008:205).

Cavando fundo no passado biográfico, Philippe Levillain diz que durante muito tempo a História e a Biografia mantiveram relações de alternância. A primeira situava-se no lado dos acontecimentos coletivos e a segunda, era vista como uma análise dos fatos e gestos de um indivíduo conforme o sentido dado pelo autor. Ao historiador era permitido o status de contar a verdade, enquanto que a biografia, ligada ao panegírico, ia de encontro a essa norma. Biografias curtas podiam entrar na história, mas a história não podia caber numa biografia (LEVILLAIN, 1996:145).

Nos anos 1980, Borges menciona um retorno, na França, da biografia deixada de lado desde a década de 1950. Esse retomado interesse francês pelo gênero pode ser explicado por duas razões: os movimentos da sociedade e um número crescente de disciplinas que estudam o homem em sociedade. Estas disciplinas acadêmicas tem voltado seu interesse para a experiência, os excluídos, às minorias sociológicas, não enfocando tão rigidamente conceitos totalizantes como “classe” e “mentalidades” (BORGES, 2008:209, 210). Para Peter Burke, a biografia tem sido popular hoje porque as pessoas se interessam mais por narrativas individuais, mais fáceis de ler, mais excitantes, muitas vezes semelhantes as suas vidas, do que acompanhar as vidas de sociedades e culturas inteiras (BURKE, 2009:29).

De acordo com Sabina Lorega, o eu pode ser utilizado para romper o excesso de coerência do discurso histórico, não apenas sobre o que aconteceu, mas também sobre as incertezas do passado e as possibilidades perdidas. O que diferencia os objetivos da biografia e da história, é que a aquela vê o indivíduo como uma pessoa em seu ambiente, muitas vezes utilizada como crítica à evolução histórica, enquanto que esta deve reconstituir um tecido social e cultural muito mais amplo (LOREGA, 1998:247).

Analisando as relações entre história e biografia, Giovanni Levi explica que a história narrativa vem se renovando, procurando novas fontes e documentos que deem conta de descobrir e explicar indícios de atos e palavras do cotidiano, passíveis de descrições. Esta

relação pode ser percebida na busca por técnicas argumentativas em que a pesquisa possa ser transformada em ato de comunicação mediante um texto escrito, muitas vezes presente numa produção biográfica. O problema em se escrever a vida de um indivíduo é que a tradição biográfica tem se contentado com modelos que seguem uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável.

Devido a isso, algumas das questões com que se depara a biografia histórica, inclui a importância de se conhecer o ponto de vista do observador; a complexidade da identidade, sua formação progressiva e não linear e suas contradições; as redes de relações, estratos, grupos sociais e seus mecanismos; e como os indivíduos se definem em relação ao grupo e se reconhecem numa classe (LEVI, 2006:169-173). Neste sentido, a pesquisa aqui busca conhecer o contexto e o espaço no qual gira a narrativa de Santos. Conforme Levi sugere, conhecer a perspectiva do observador (biógrafo) e sua rede de sociabilidade. De que maneira entrelaçam-se as vidas de Delmiro e Adolpho. Como se definem ou reconhecem.

Diante da diversidade com que os historiadores passaram a abordar o problema biográfico, Levi discute uma tipologia sobre as suas perspectivas: 1. *Prosopografia e biografia modal* – a biografia aqui não é de uma pessoa singular, mas de indivíduo que concentra todas as características de um grupo; 2. *Biografia e contexto* – o ambiente é valorizado como fator capaz de caracterizar e explicar a trajetória do indivíduo em questão (Ex. *O retorno de Martin Guerre* [Natalie Zemon Davis]); 3. *Biografia e casos extremos* – o indivíduo é apenas um aporte, o contexto é o foco (Ex. *O queijo e os vermes* [Carlo Ginzburg]); 4. *Biografia e hermenêutica* – consiste em problematizar e interpretar antes de partir para a produção biográfica (LEVI, 2006:174-178).

Além dos tipos esquematizados por Pierre Levi, Vavy Borges menciona que a biografia possui formas, de acordo com Phillippe Lejeune: narrativa pura, testemunho com pretensão de biografia e testemunho puro. Este último ocorre quando o narrador não apenas conhece o indivíduo, como participa ou participou de momentos de sua vida. Geralmente são textos de amigos, filhos, companheiros etc. (BORGES, 2008:213,214).

Desse modo, a *contabilidade* que Santos faz dos rastros de Gouveia trata-se tanto de *biografia e contexto*, no que tange a sua tipologia, explicado por Levi, quanto um *testemunho puro*, no que se refere a sua forma, conforme Lejeune. O aspecto tipológico biográfico se evidencia na apresentação do contexto que o *contador* faz do *patrão*. O personagem está

intimamente relacionado ao seu tempo, espaço e meio social. Não é possível dissociá-lo ou entendê-lo sem estes aspectos. Já a forma é percebida na relação entre sujeito e objeto e no conteúdo. Santos expõe um testemunho pautado em sua experiência. Conheceu Delmiro, seus amigos, fez parte de sua família e de sua vida. Este biógrafo foi também hóspede e funcionário do biografado.

Para o *contador*, seu *patrão* era um homem de passos medidos, calculados e acertados, mesmo quando suas atitudes eram repressivas ou tirânicas. Isso pode ser percebido na sua descrição da vida na vila operária – construída por Delmiro para abrigar os operários da fábrica – que chama de “medidas moralizantes”:

Os homens, mesmo sendo os chefes da família, não podiam permanecer em casa de chapéu ou de peito nu, sem camisa; as mocinhas não deveriam fumar – principalmente o repugnante cachimbo de barro das viciadas sertanejas; não deveriam ser toleradas as danças, a não ser em dias determinados e no largo salão do edifício do cinema, sob fiscalização cuidadosa e cortês. Eram punidos aqueles que fossem encontrados em idílios amorosos em lugares escusos; puniam-se também os praticantes de jogos de azar e os bebedores inveterados. Estes e outros preceitos, medidas moralizadoras que condissessem com os bons costumes, eram impostas pelo Chefe que não admitia fossem prevaricados (SANTOS, 1962:38).

Ao mesmo tempo em que este memorialista defende a “medida”, o que resultava para ele em ordem, disciplina e “ausência de luta de classes”, omite detalhes sobre a vida promíscua que o coronel levava em contradição ao que imponha aos seus subordinados. Isso pode ser entendido no que Pierre Bourdieu chama de “ilusão biográfica”, ou seja, a vida do indivíduo é organizada e narrada pelo biógrafo de forma a ter causa, motivo e efeito, consequências advindas das situações pelas quais passou ou escolhas que fez. Este sentido é criado artificialmente, na medida em que certos acontecimentos são selecionados e apresentados em sequência coerente. O narrador age como cúmplice, interpretando os fatos e construindo o significado (BOURDIEU, 2006:184,185). No caso em questão, o sentido foi construído mediante a forma como o sujeito – Adolpho – compreendia o objeto – Delmiro.

Nesta perspectiva, convém examinar esta biografia a luz do conceito de verdade tomado para este trabalho: “1. Conformidade da ideia com o objeto, do dito com o feito, do discurso com a realidade” (<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=verdade>), já que o autor afirma contá-la. Felipe Fernández-Armesto menciona que os historiadores rejeitam a

verdade como tema, e faz uma crítica aos pós-modernos e suas teorias de inexistência da mesma. Para ele, precisamos de um novo modo de entender e identificar a verdade: “não há ordem social sem confiança, e não há confiança sem verdade ou, no mínimo, sem procedimentos aceitos de apuração da verdade” (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2000:16,17). Ao discutir a relação entre história e verdade, François Bédarida diz que historiador não deve se distanciar da verdade como se fosse incapaz de apreendê-la ou interpretá-la. A busca por ela deve nortear sua pesquisa, “alfa e ômega desse ofício” (BÉDARIDA, 2005:221-224).

Trazendo isso para o objeto desta pesquisa, é preciso comparar a “conformidade da ideia”, os relatos biográficos, com “o objeto”, o personagem, e perceber nos fatos contados por Santos expressões da realidade de Gouveia e da sua própria. Adolpho Santos enxergou o pioneiro, o investidor ousado, o homem corajoso, imponente, inabalável, e escreveu baseado nisso. O olhar do *contador* reflete a forma como compreendia a realidade que compartilhava com o *patrão*.

Esta pesquisa se posiciona assim numa abordagem da História Social, dimensão esta que, por sua abrangência, contempla aquilo que pretendemos trazer para o exame em primeiro plano da pesquisa (BARROS, 2011). Segundo Hebe Castro (1997) a história social pesquisa problemas históricos específicos do comportamento e as relações entre os diversos grupos sociais (CASTRO, 1997:48-52). A partir da aproximação com a antropologia, as experiências de pessoas comuns e sua reação a estas experiências despertaram o interesse dessa abordagem histórica.

No que se refere à perspectiva adotada, isto é, aos métodos e o modo de fazer da pesquisa, serão utilizados procedimentos da história cultural. A reunião de mais de um campo histórico aparece como necessária e isto não deve ser visto como um problema, mas como sinal da complexidade do objeto, pois como observa José D’Assunção Barros, “nada mais danoso para o conhecimento histórico do que a hiperespecialização de um historiador, que passe a trabalhar ou a se definir em termos de um único campo histórico” (BARROS, 2011:204). Assim sendo, por um lado serão examinados os espaços de atuação de atores sociais (Delmiro, Góes, Santos) e o desenvolvimento de suas relações sociais, políticas e culturais (em diferentes espaços, Recife, Pedra, Fábrica).

Por sua vez, a outra abordagem compartilhada é a história cultural, definida por Sandra Pesavento como um modo de se fazer história traduzindo o mundo através da cultura.

De acordo com Peter Burke, os novos paradigmas adotados pela NHC constituem-se verdadeiras estratégias metódicas. Incluem as vozes que podem ser ouvidas por um texto (Mikhail Bakhtin, com suas ideias sobre “polifonia”); a figuração (Norbert Elias, em seu *Processo Civilizador*, de 1939); a mudança das palavras e seus significados para uma determinada época (*Michel Foucault*); e o conceito de campo (*Pierre Bourdieu*) (BURKE, 2005:71-79). É deste diálogo entre a abordagem social e a abordagem cultural da história que a biografia do *contador* vem sendo analisada. É necessário “ouvir as vozes do texto”, compreender os significados das palavras e a motivação do biógrafo.

Fontes

Para melhor compreender e refletir sobre o passado investigado nesta pesquisa tem sido realizado coleta sistemática, análise, arquivamento e classificação das fontes, que incluem: as biografias sobre Delmiro já listadas, a biografia escrita por Adolpho Santos que além de objeto também constituem fonte. Também documentos de apoio como jornais, registros (viagens, casamento, nascimento etc.), fotografias e documentos relacionados as empresas Iona & Cia, e Companhia Agro-Fabril Marcantil, conforme encontrados e disponibilizados em acervos como museus, fundações ou coleções particulares. Estes documentos devem ser comparados a fim de averiguar as informações relatadas pelo *contador* sobre o *patrão*.

Conclusão

Com isso compreende-se que a biografia escrita por Adolpho Santos sobre Delmiro Gouveia convida o leitor a adentrar as almas do *contador* e do *patrão*. Ela incita os olhares curiosos a espiarem o cotidiano da fábrica, a vila operária, os arranca-rabos, as transações comerciais, o universo do “rei das peles”, oportunizando um estudo sobre sua história e sua sociedade. Analisá-la e compará-la aos diversos documentos aguça o olhar crítico para o texto biográfico e suas possibilidades. Para alguns, uma ilustração, para outros, um registro da história.

Nota

¹Formada em História pela Universidade Federal de Sergipe. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFS. Pesquisadora do Grupo de Estudos do Tempo – GET (UFS/CNPq).

Referências Bibliográficas

BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008.p. 203-233.

BURKE, Peter. O Historiador como colunista: ensaios para a folha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.p. 29-37.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História – princípios e conceitos fundamentais.** Volume 1. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína (ORG.); FERREIRA, Marieta de Moraes (ORG.). **Usos & Abusos da História Oral.** 8ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.p. 183-191.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamrion (ORG.); VAINFAS, Ronaldo (ORG.). **Domínios da História Ensaios de Teoria e Metodologia.** Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p.45-60.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. Introdução: sob a coruja – verdade, tempo e história. In: **Verdade: uma história. Tradução de Beatriz Vieira.** Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 15-23.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, Réne (ORG.). **Por uma história política.** Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 141-184.

LEVI, Giovanni. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína (ORG.); FERREIRA, Marieta de Moraes (ORG.). **Usos & Abusos da História Oral.** 8ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-182.

LOREGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jaques (ORG.). **Jogos de escalas – a experiência da microanálise.** Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 225-249.

MAYNARD, Dilton C. S. O Coronel dos Coronéis, a incrível vida de Delmiro Gouveia, audacioso mártir da indústria nacional. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/o-coronel-dos-coroneis>> acesso em abril 2012.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O Senhor da Pedra: os usos da memória Delmiro Gouveia (1940-1980).** Tese de Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

PESAVENTO, Sandra Jutahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Ed. 2003.

SANTOS, Adolpho. **Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico)**. 1947.